



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

## A RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS NA CHINA ANTIGA

André Bueno<sup>1</sup>

Nesse breve ensaio, buscaremos compreender a essencialidade do pensamento religioso chinês, constituída em um longo processo de desenvolvimento histórico que continua em atividade até os dias de hoje. Para tal, delimitaremos nossa análise até o período próximo do século -11<sup>2</sup>, quando da transição da Dinastia Shang 商朝 [-1766 - 1027]<sup>3</sup> para Dinastia Zhou 周朝 [-1027 -221], marcante para acompanharmos uma série de definições nesse pensamento. Grande parte da documentação para compreender esse período vem da arqueologia e da literatura clássica resgatada por Confúcio 孔子, no século -6, nos permitindo reconstituir um quadro da civilização chinesa antiga, em suas tradições fundamentais. A perenidade dessas crenças não é infensa a mudanças morfológicas, mas conseguiu manter uma lógica interna que tem atravessado os milênios. Dessa forma, pois, pretendemos analisar os alicerces fundadores desse pensamento.

### A religião dos espíritos

Rastrear as origens da religiosidade chinesa é um processo relativamente complexo, embora os chineses contassem com observações próprias sobre o tema. Os discursos sobre as antigas crenças chinesas centravam-se em algumas questões fundamentais, ligadas a existência dos espíritos, Shen 神. Até onde podem ser rastreadas as origens das crenças chinesas, elas defendiam a sobrevivência de uma vida espiritual após a morte do corpo material, que deu origem a religiosidade popular chinesa, conhecida como *Shenjiao* 神教 [*Ensinaamentos dos Espíritos*]. Desde o século -11, quando foram produzidos os primeiros grandes textos da literatura chinesa antiga, encontramos vestígios de observações antropológicas sobre uma sociedade em desenvolvimento e expansão, que gradualmente

---

<sup>1</sup> Prof. Adjunto de História da UERJ. Mail: [orientalismo@gmail.com](mailto:orientalismo@gmail.com)

<sup>2</sup> Usaremos a notação ‘-’ como equivalente para as datas ‘a.C.’, conforme uso sinológico.

<sup>3</sup> Na primeira aparição do termo em chinês, apresentaremos sua forma logogramática.



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

entrava em contato com vilas e aldeias cujo modo de vida era considerado mais primitivo. Um fragmento do *Liji* 禮記, *As Recordações Culturais*, texto antigo que narra os costumes, crenças e conceitos sociológicos chineses, descreve-nos brevemente a visão de mundo além que os chineses possuíam em seu passado:

Quando morria alguém, os parentes subiam ao telhado e gritavam bem alto, ao espírito: "Ahoouoooo! Fulano, quereis fazer o obséquio de voltar ao vosso corpo?" Se o espírito não voltava, e a pessoa estava realmente morta, então assavam arroz cru e carne assada para oferendas, levantavam a cabeça para o céu "a fim de ver longe" o espírito e enterravam o cadáver. O elemento material descia então (à terra) e o elemento espiritual subia (ao firmamento). Os mortos eram enterrados com a cabeça na direção norte, e os vivos tinham suas casas com o frontispício voltado para o sul. Tais eram os costumes primitivos.<sup>4</sup>

Nesse breve trecho, vemos uma descrição importante dos dois elementos constituintes do ser humano: a alma individual 魂 [*Hun*], espiritual, que voltava ao Céu e transformava-se em Shen [o espírito puro, propriamente dito] e uma espécie de alma material ou perispiritual 魄 [*Po*], que na crença chinesa se desfaria e retornaria para a Terra. Caso o indivíduo não recebesse os rituais adequados no momento da morte, essa alma Po poderia voltar como uma espécie de fantasma, 鬼 *Gui*, que ficaria atormentando sua família até que os meios corretos de exorcismo fossem executados.

Por outro lado, a existência de Shen tornara-se o centro dos cultos mais antigos. Os xamãs chineses 巫 [*Wu*] buscavam se comunicar com essas almas para poder interceder no mundo dos vivos. Por vezes, visitavam, através do sonho ou do transe, as "Terras Amarelas" 黄泉 [*Huangquan*, o mundo inferior dos mortos], para deles receberem orientações.<sup>5</sup> Reconhecidos e adorados corretamente, eles se transformavam nos Ancestrais, que guiavam

---

<sup>4</sup> BUENO, André. *Cem textos de História Antiga*. 2009. Disponível em: <http://chinologia.blogspot.com.br/2009/08/sociedade.html>

<sup>5</sup> BUENO, André 'O Sonhar e a Religião na China' in BUENO, André. *Em busca do palácio celeste*. 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/11560602/Em\\_busca\\_do\\_Pal%C3%A1cio\\_Celeste](https://www.academia.edu/11560602/Em_busca_do_Pal%C3%A1cio_Celeste)



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

e protegiam a família que lhes prestava rituais de adoração corretamente, fomentando o que seria conhecido como *Culto aos Ancestrais* 敬祖 [Jingzu].

Essas considerações datam de épocas remotas na história da civilização chinesa. Sabemos, porém, que elas estavam vigentes durante o período Shang, como veremos a seguir, pelo caráter de alguns de seus rituais e crenças.

### **Oráculos e Deuses da Natureza**

O mundo dos encarnados e desencarnados interagia continuamente. Até onde podemos compreender, os Shang concebiam que o ‘mundo material’ [encarnado] era uma espécie de cópia do mundo espiritual, plano no qual habitavam os Deuses e espíritos livres.<sup>6</sup> Ele era governado, do alto, por uma série de entidades divinas comandadas por um único soberano, chamado de *Taidi* 太帝 [*Grande soberano*] ou *Shangdi* 上帝 [*Soberano do alto*]. Daí porque a palavra ‘Rei’ 王 [*Wang*], em chinês, compreende o papel do soberano espiritual: os três traços horizontais significam, respectivamente, o Céu, o Humano e a Terra, ligados por um traço vertical, que representa aquele que conecta os três. Doravante, também, todas as formas espirituais são denominadas Shen, e a palavra adquire a conotação polissêmica de definir o espírito evoluído de Hun ou mesmo um Deus, de acordo com o seu uso no contexto. Entende-se, igualmente, que um não exclui o outro: um ancestral importante e poderoso pode se converter numa divindade, familiar ou mais ampla, de acordo com as crenças que lhe são devotadas.<sup>7</sup>

O culto aos ancestrais consistia numa série de ofertas feitas em um altar, que poderia ser instalado dentro de casa [para os mais humildes] ou em espaços especiais dentro das casas mais ricas e palácios. No livro dos Poemas 詩經 [*Shijing*] encontramos a seguinte descrição desses ritos:

---

<sup>6</sup> Uma ideia mais ampla de como a religiosidade popular desenvolveu a concepção dos mundos similares [material e espiritual] pode ser vista no livro de FEUCHTWANG, Stephen. *Popular Religion in China: the Imperial Metaphor*. Surrey: Curzon, 2001.

<sup>7</sup> SMITH, Howard. *A religião no período Shang*. 2008. Disponível em: <http://chinaimperial.blogspot.com.br/2008/04/religio-no-perodo-shang-por-d-h-smith.html>

Quando nossos celeiros estão cheios e nossas provisões são contadas por dezenas de milhares, faremos apelos aos espíritos e preparamos grãos para as oferendas e sacrifícios. Fazemos os representantes dos mortos sentarem e pedimos-lhes para comer - assim procurando aumentar nossa felicidade. Com conduta correta e respeitosa, os touros e os carneiros todos puros, procedemos aos sacrifícios de inverno e de outono. Alguns esfolam (as vítimas); outros cozinham (sua carne); outros preparam (a carne); outros ajustam (as diversas partes). O que oficia as preces faz sacrifícios dentro do portão do templo. E todo o serviço sacrificial é completo e brilhante. Majestosamente chegam nossos progenitores; seus espíritos gozam alegremente as oferendas; seus descendentes recebem a bênção - eles o recompensarão com grande felicidade, com miríades de anos, com vida sem fim. Preparam o fogo com todo respeito; preparam os tabuleiros que são enormes - alguns para a carne assada, outros para o assado. As esposas que os presidem ainda fazem reverências, preparando os numerosos (menores) pratos. Os convivas e os visitantes passam a taça de mão em mão. Cada fôrma segue a regra; cada sorriso e cada palavra são como devem ser. Os espíritos chegam calmamente e cobrem todos com grandes bênçãos - milhares de anos como a recompensa (mais apropriada). Estamos muito cansados e terminamos cada cerimônia sem um erro. O apto encarregado das preces anuncia (a vontade dos espíritos) e procura o descendente para transmiti-la - "tem sido fragrante seu sacrifício filial e os espíritos apreciaram seu espírito e as iguarias. Eles lhe conferem centenas de bênçãos; todas como ele mais deseja, todas tão seguras como a lei. Você foi exato e pronto; foi correto e cuidadoso; eles lhe conferirão até o mais raro dos favores, em milhares e dezenas de milhares". As cerimônias tendo assim se completado e os sinos e tambores tendo dado o sinal, o descendente vai ocupar seu lugar e o encarregado das preces anuncia - Os espíritos beberam até fartar. - Os grandes representantes dos mortos levantam-se então e os sinos e tambores escoltam sua retirada (com a qual) os espíritos tranquilamente voltam (para o lugar de onde vieram). Todos os servos, e as esposas que presidem, removem (as bandejas e pratos) sem demora. Os tios e primos (do sacrificante) todos se dirigem para um banquete privado. Os músicos todos vão tocar e prestam seu auxílio serenante à segunda bênção. As suas viandas são expostas; não há ninguém que não se sinta satisfeito e sim todos estão muito contentes. Bebem até fartar e comem até não quererem mais; grandes e pequenos todos curvam as cabeças (dizendo) - "Os



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

espíritos apreciaram seus espíritos e iguarias e lhe darão vida longa. Seus sacrifícios, todas suas oportunidades são completamente dispensados. Possam seus filhos e seus netos jamais deixar de perpetuar esses serviços!”<sup>8</sup>

Segundo o *Liji*, o objetivo do sacrifício visava trazer a influência benévola dos mortos ao seio da comunidade:

As oferendas de carnes eram então preparadas, e o tripé redondo e o vaso quadrangular postos em ordem, e os instrumentos de música – a cítara qin, a viola e a flauta, o sino de pedra, os guizos e tambores, tudo nos seus lugares, e a oração do “sacrifício aos mortos” e a de “resposta dos mortos” eram cuidadosamente elaboradas e lidas a fim de que os espíritos do céu e os dos ancestrais pudessem baixar ao lugar do culto. Todas essas práticas tinham o propósito de manter a devida distinção entre governantes e governados, preservar o amor entre pais e filhos, incutir a gentileza entre os irmãos, regular as relações entre superiores e subalternos, e estabelecer de parte a parte as condições de convívio entre marido e mulher, para que sobre todos pairasse a benção do Céu.<sup>9</sup>

No mesmo *Liji* [cap.5,31], tipos diversos de oferendas eram feitas no altar dos espíritos, variando segundo a época e a condição social dos ofertantes. Aparentemente, pois, os Shang entregavam-se a um profundo contato com os seus espíritos familiares. Os Deuses principais eram espíritos antigos, representantes das forças da natureza, da terra e dos animais, mas em grande medida distantes do mundo humano, sendo relativamente pouco citados. Por essa razão, os deuses e espíritos familiares eram mais intensamente requeridos. Isso redundou numa prática em que o espírito invocado vinha comer com os encarnados, e tomava o corpo de um ‘vivo’ para esse fim. Essa forma de ‘possessão’ espiritual 尸 [Shi]

---

<sup>8</sup> BUENO, André. *Cem textos de História chinesa*. 2009. Disponível em: <http://chinologia.blogspot.com.br/2009/08/religiao.html>

<sup>9</sup> Extrato do *Liji*, cap. 9, disponível em <http://chines-classico.blogspot.com.br/2007/07/liji-extratos-do-livro-dos-rituais-01.html>



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

implicava na presença de alguém que teria a condição de recebê-lo ou, minimamente, 'imitá-lo', representando-o por um rito de associação de imagem.<sup>10</sup>

Esse contato com o mundo espiritual fica evidente também pela vasta coleção de oráculos encontrados a partir da década de 1920 na China.<sup>11</sup> Compostos por carapaças de tartaruga e escápulas bovinas, esses documentos revelam muito, para nós, das antigas crenças Shang e de suas práticas. Nele estão escritos, também, os primeiros documentos da história chinesa, e marcam as origens de sua escrita. Os oráculos eram feitos da seguinte maneira: inscrições eram realizadas no corpo ósseo, ditando uma previsão positiva ou negativa. Um metal aquecido era aplicado na base do osso ou carapaça, fazendo uma rachadura que indicaria a previsão adequada. Para os Shang, esse era um dos meios mais rápidos dos espíritos manifestarem sua vontade, interagindo com o consulente. Note-se que nesse período não haviam sacerdotes especializados, e as funções religiosas eram designadas entre os membros da família. Apenas os xamãs, alijados do mundo urbano, mantinham suas práticas nas comunidades rurais, sendo chamados em ocasiões especiais.

Os oráculos nos prestam informações importantes: nomes de soberanos e personagens importantes, passagens da história Shang, seus Deuses, e seu modo de crer numa vida após a morte, da qual tinham absoluta convicção. Tanta certeza da continuidade ficou manifesta em seus costumes funerários. Quando um nobre morria, em geral, servos da casa e mesmo familiares eram sacrificados junto com o defunto, de modo a servi-lo no outro lado. As tumbas Shang são, pois, pequenas necrópoles da vida desse contexto. O morto levava consigo grande parte de seus objetos materiais, dos quais acreditava poder fazer uso, e sacrificava também seus animais preferidos, como cavalos e cães. A tumba de uma figura importante, portanto, nunca depositava somente o seu corpo, mas o de várias outras pessoas de seu círculo mais próximo. Denotava, também, que se acreditava que seus

---

<sup>10</sup> FALKENHAUSEN, Lothar von. "Reflections on the Political Role of Spirit Mediums in Early China: The Wu Officials in the Zhouli," *Early China*, Cambridge, 1995 (20) p.279-300.

<sup>11</sup> Uma descrição completa desses documentos pode ser vista em KEIGHTLEY, David. *Sources of Shang History: The Oracle-Bone Inscriptions of Bronze Age China*. California: University of California Press, 1978.



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

bens eram ‘sacrificados’ junto com os servos, podendo ser manifestados espiritualmente no outro lado.<sup>12</sup>

É difícil saber o quanto esse procedimento era bem recebido ou não pelo restante da sociedade. Todavia, o advento da Dinastia Zhou iria operar significativas mudanças nesse quadro, como veremos a seguir.

### Os sacrifícios de Sanxingdui 三星堆

Uma série de leis e medidas opressoras, empreendidas por governantes cruéis, devassos e inábeis, teriam levado a ruína da Dinastia Shang, levando a ascensão de um grupo achinesado proveniente do norte, chamado Zhou.<sup>13</sup> O início do governo Zhou é marcado por uma série de três soberanos conhecidos por sua inteligência, sensibilidade e sabedoria. Os reis Wen 文王 [reinado de -1099 -1056] e Wu 武王 [reinado -1046 -1043] e o Duque Zhou 周公 construíram uma nova dinastia, propiciando um período áureo da história chinesa. É desse período que data a redação dos textos clássicos antigos chineses: *Shujing* 書經, *Shijing* 詩經, *Yijing* 易經, *Liji* 禮記 e *Yuejing* 樂經, que Confúcio iria reeditar no século -6. A instauração de uma nova ordem social, política e intelectual imprimiu uma mudança significativa na estrutura da vida chinesa.

Os primeiros indícios dessas mudanças surgem nas práticas funerárias. No sítio arqueológico de Sanxingdui,<sup>14</sup> que teriam originado a casa de Zhou, observamos que estes empreenderam uma transformação importante nos métodos mortuários. Ao invés de

---

<sup>12</sup> CHANG, Kwang-Chih. *Arte, mito y ritual*. Madrid: Katz, 2009; THOTE, Alain ‘Shang and Zhou funeral practices: interpretation of material vestiges’ in LAGERWEY, John e KALINOWSKY, Marc. [org.] *Early Chinese religion*. Leiden: Brill, 2011. V.1

<sup>13</sup> No *Shujing*, 4:1, ‘A Grande Declaração’ diz: “Shou, rei de Shang, não venera o Céu e inflige calamidades ao povo. Entregue à embriaguez e à luxúria, atreveu-se a exercer uma opressão cruel. Estendeu o castigo dos ofensores a todos os seus parentes. Colocou os homens nos postos administrativos de acordo com o princípio hereditário. Utiliza-o para possuir palácios, torres, pavilhões, diques, lagos e todas as outras extravagâncias, para mais penoso prejuízo vosso, milhares de criaturas do povo. Queimou e chacinou os leais e os bons. Violou mulheres prenhes. O Grande Céu indignou-se e encarregou meu falecido pai Wen de desencadear o seu terror.” Esse trecho evidencia o papel de redenção espiritual que a derrubada de Shang implicava.

<sup>14</sup> BAGLEY, Robert. *Ancient Sichuan: Treasures from a Lost Civilization*. Princeton: Seattle Art Museum and Princeton University Press, 2001; SAGE, Steven. *Ancient Sichuan and the unification of China*. Albany: State University of New York Press, 1992.



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

oferecer seres humanos em holocausto, destinados a acompanhar os defuntos indefinidamente na vida espiritual, os Zhou sacrificavam estátuas de bronze, que ocupavam o lugar dos vivos. A lógica é simples, e coerente com o raciocínio da religião dos espíritos chinesa: se os objetos pessoais do defunto podiam ser dispostos na tumba, pois seriam ‘manifestados’ do outro lado, então, estátuas representando humanos também poderiam ser magicamente associadas aos vivos. Sacrificadas, elas serviriam como autômatos no mundo espiritual, dispensando o sacrifício dos que ficavam. É possível, também, que algumas das máscaras encontradas em Sanxingdui fossem usadas por pessoas que ‘representavam’ aqueles que ‘seriam mortos’ ou que ‘foram mortos’, numa aproximação com o ritual de *Shi* descrito anteriormente.

Com toda crença que os chineses dispunham numa vida após a morte do corpo, mesmo assim, a nova prática instaurada pelos Zhou foi muito bem recebida. Ocasionalmente, sacrifícios humanos foram empreendidos entre os chineses até serem proibidos no século -4. Mesmo assim, o costume de substituir humanos por estátuas difundiu-se rapidamente, sendo adotado em várias regiões do país concomitantemente.

## O Céu 天

Outro elemento importante na mudança empreendida pelos Zhou é a valorização gradual do Céu 天 [*Tian*] como uma entidade ecológica amorfa, que precedia a formação dos deuses. O Céu, aos poucos, adquire os contornos de uma entidade inteligente, reguladora das leis da natureza, mas sem personalidade ou forma definidas. No *Shijing*, alguns versos nos indicam a morfologia desse caráter do Celeste:

Céu é onisciente e onipresente.

Temei a ira de Céu e não vos entregueis à dissipação.

Temei para que o Céu não mude para convosco, e não ouseis seguir os maus caminhos.

O majestoso Céu tem visão clara e prolonga-se onde quer que vós ides.





BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

O majestoso Céu vê tudo, como o sol, e alcança-vos em todas as vossas vadiagens licenciosas.

[...]

O Céu abençoa, protege e envia felicidade.

Que o Céu vos proteja e vos estabeleça, tornando-vos perfeitamente seguros. Se fordes verdadeiramente virtuosos, que felicidade é que ele vos recusa? Ele faz-vos receber muitas graças.

Estas não numerosas, naturalmente.

[...]

O Céu criou as gentes e deu-lhes as suas aptidões.

Ao dar origem a todas as pessoas, o Céu ordenou que as suas naturezas fossem independentes. Algumas começam bem, mas poucas se conservam boas até a morte.<sup>15</sup>

É possível que estivéssemos diante de uma evolução do pensamento religioso chinês de um politeísmo característico do período Shang para uma concepção henoteísta, que se estabilizaria no pensamento chinês a partir dessa época. Todavia, duas questões se colocam para que aceitemos uma disposição henoteísta plena dessas crenças:

- A primeira, é de que os chineses não se preocupam em definir qualquer forma de monogonia, seja teogônica ou cosmogônica. Nada é dito sobre o Céu como criador. Como veremos adiante, na verdade, os chineses foram absolutamente silenciosos sobre o problema da origem do universo, e demonstraram pouco interesse por isso.
- O Céu não é adorado de forma monolátrica, embora os deuses, submetidos a esse sistema, se consolidassem em hierarquias regionais e celestes cada vez mais definidas.

Contudo, o Céu tornou-se referência da ordenação cósmica, e a tomada de poder pelos Zhou foi entendida como uma concessão do mesmo – o *Mandato Celeste* 天命 [*Tianming*], que doravante justificaria a ascensão dos poderes e casas imperiais na China tradicional. Desse modo, todo o soberano, se bem sucedido, atingia a sabedoria em seu

---

<sup>15</sup> BUENO, André. *Cem textos de História chinesa*. 2009. Disponível em: <http://chinologia.blogspot.com.br/2009/08/religiao.html>



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

poder por manter a harmonia do mundo com a ordem do Céu; mas, em caso de uma conduta errônea e prejudicial à ordem do mundo, o Céu retirava esse mandato, e o soberano seria derrubado.<sup>16</sup>

### O Livro das Mutações 易經

Os chineses parecem não ter se interessado pela origem do universo; sua visão de mundo era de que o humano não estaria presente no momento do início de tudo, se ele aconteceu em algum momento. Assim, os intelectuais se detinham no Céu como um ciclo perene de estações e atividades, situado em um movimento infinito de início, duração e fim cíclicos. Simplesmente, os pensadores se detiveram numa Cosmologia, elaborando um raciocínio lógico sobre o cosmo. Isso transparece de modo claro na redação do *Livro das Mutações*, o *Yijing*.<sup>17</sup>

A imaginação chinesa projetou, no passado longínquo, em imagens, um sistema para compreender a Natureza, suas leis e movimentos. A mente filosófica chinesa nasceu daquilo que podemos chamar de um pensamento correlativo. Ela exprimiu, desde o início, por meio de símbolos e imagens, os sinais do cosmos: astros, estações, fauna, flora, atos, gestos. Nada muito diferente do que ocorrera na Mesopotâmia, ou na Antiga Índia; todavia, os chineses se decidiram por fixar isso num sistema de escrita absolutamente imagético, Logográfico. Cada coisa, no mundo, é representada por uma imagem [a palavra], *Pictograma*; e uma idéia, o conceito em si, pelo *Ideograma*. Tudo, pois, é correlacionado a uma imagem; e o conjunto dessas imagens mais primitivas, aquelas que fundamentavam a existência do universo, encontrava-se, pois no *Yijing*.

Por essa razão, desde as eras mais antigas – talvez, no mínimo, no século -12 – o *Yijing* tornara-se um manual de ciências da Natureza, explicando como funcionavam suas leis. Talvez se trate de um dos poucos casos, na história humana, em que uma tentativa de

---

<sup>16</sup>SMITH, Howard. *A religião no período Chou*. 2008. Disponível em:

<http://chinaimperial.blogspot.com.br/2008/04/religio-no-perodo-chou-por-d-h-smith.html>

<sup>17</sup> Para compreender de modo mais amplo o papel do *Yijing*, sugerimos a versão de WILHELM, Richard. *I Ching: O livro das Mutações*. São Paulo: Pensamento, 1989; uma leitura geral sobre a história do livro pode ser vista em: JAVARY, Cyrille. *I Ching, o livro do Yin e do Yang*. São Paulo: Pensamento, 1989.



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

explicar o mundo ‘racionalmente’ [ao menos, era a intenção chinesa] tornou-se num dos mais divulgados, belos e profundos livros religiosos de que se tem conhecimento. A sociedade chinesa entendeu que, se o *Yijing* era capaz de explicar as mutações da natureza, não poderíamos nós usar esse conhecimento para prever essas mudanças? Tal como se usássemos estatísticas e probabilidades, os chineses começaram a empregar o *Yijing*, também, com o fim de predizer o futuro, ou de compreender, em maior dimensão, uma situação do presente. As tendências da natureza poderiam ser decodificadas, em imagens, e assim sendo, podiam expressar um caminho, uma opção, um desfecho, um desdobramento presumível. As inúmeras combinações das manifestações celestes [os ‘Gua’ 卦], redundavam nas milhares de possibilidades representadas pelas linhas hexagramáticas, cada qual demonstrando a possível tendência ou desfecho de uma determinada situação.

Estariamos, pois, diante de um tratado de ecologia capaz de nos revelar possíveis destinos. “Possíveis”, pois a mente chinesa não aceitava o destino fatal. Do mesmo modo que o *Yijing* revela as tendências de uma determinada situação, o conhecimento desse movimento nos possibilita alterá-lo. Esse ponto é notável. Mais uma vez, tratar-se-á, possivelmente, do único oráculo no mundo que pode prever o que *não vai acontecer*, se o consulente, ao saber de um possível desfecho, resolver mudar de atitude, abrindo novas possibilidades para si mesmo. O *Chuci* 楚辭 [Canções de Chu], de Qu Yuan 屈原 [-339 - 278], nos dá um precioso testemunho sobre a questão da adivinhação. Na curta história intitulada ‘Adivinhação’, ele nos mostra bem o entendimento chinês sobre oráculos e predições:

Qu Yuan foi forçado ao exílio e durante três anos não pode aparecer na corte.

Servira-se de toda a sua sabedoria para ser leal ao rei, mas as calúnias derrotaram-no.

Tendo o coração amargurado e o pensamento confuso, não sabendo como agir, fez uma visita ao maior dos adivinhos, Zheng Zhan-yin, e pediu: «Como tenho dúvidas gostaria que me desse a sua opinião.» Zhèng pegou numas folhas de milefólio e, sacudindo

o pó de uma carapaça de tartaruga, perguntou: «Que deseja o senhor saber?»

Qu Yuan disse: «É preferível ser fiel e devotado, manter-se autêntico e leal, ou ocupar-se em relações sociais e bajular os superiores tendo em vista ascender a altos postos?

«É preferível arrancar as ervas daninhas e aplicar todo o nosso esforço a cultivar, ou infiltrar-se entre os grandes deste mundo para obter o seu favor e assim alcançar o sucesso?

«É preferível dizer a verdade sem ocultações, pondo em risco a própria vida, ou seguir a vulgaridade, a riqueza e a nobreza, gastando o tempo à procura de um conforto fácil e transitório?

«É preferível marginalizar-se, ao ascender a altos cumes e ao defender a sua própria verdade, ou adular os superiores para cair nas suas boas graças e, calculadamente, dar-se bem com todos ostentando falsos sorrisos e, ainda que a contragosto, obedecer sempre, só para agradar à concubina favorita do rei?

«Ambicionar a pureza, a modéstia, a retidão e a verdade ou ser untuoso e informe, envolvendo as pessoas como a gordura e o couro curtido?

«Ser soberbo como um cavalo veloz ou ir subindo e descendo ao sabor das ondas como um pato, que sobrevive apenas à custa do sacrifício da vontade própria?

«Conduzir carruagens lado a lado com cavalos de raça ou seguir atrás das pegadas dos cavalos débeis?

«Voar alto com os cisnes ou disputar os grãos com as galinhas e os patos?

«Qual deles é auspicioso e qual deles é desafortunado? Qual deles seguir? Que caminho escolher?

«Este mundo é turbulento e obscuro. Consideram-se pesadas as asas da cigarra enquanto mil toneladas são consideradas leves. Destroem-se instrumentos musicais enquanto se fazem troar vasilhas de barro. Os caluniadores ocupam lugares destacados enquanto virtuosos permanecem desconhecidos...

«Ora! Mais vale ficar calado! Haverá alguém capaz de compreender a minha modéstia e a minha honestidade?»

O adivinho largou as folhas e disse, agastado: « O decímetro é, por vezes, demasiado curto; o centímetro, por vezes, é demasiado longo. Nada existe que não tenha os seus pontos fracos. O conhecimento depara com problemas que não consegue esclarecer; a adivinhação depara com problemas que não consegue alcançar; o espírito depara com problemas que não consegue entender.



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

«Utiliza a tua própria cabeça. Realiza a tua própria vontade. Esta carapaça de tartaruga e estas folhas não conseguem resolver os teus problemas.»<sup>18</sup>

O impacto disso, na civilização chinesa, foi incomensurável. Por séculos, o *Yijing* foi o seu Manual de Ciências, seu Oráculo, seu patrimônio intelectual fundador, o sistema pelo qual se enxergava o mundo. No século -6, quando surgiram várias escolas de pensamento tentando resolver a crise ética que se instalara na China, a percepção comum era a mesma: havia se perdido a conexão com esse saber, era preciso recuperá-lo.

Eis porque, então, as linhas dos hexagramas representam muitas vezes, tão poeticamente, imagens do cotidiano. Por analogia [e às vezes, diretamente], a imagem apresentada na consulta ia de encontro à dúvida proposta. O *Yijing* desdobrava-se no cotidiano humano, e por isso, sua função fundamental na vida comum: ajudar a encontrar caminhos. O *Yijing* encontrar-se-ia, pois, no cerne do pensamento chinês, e tornara-se chave para qualquer um que quisesse compreendê-lo. Dos mais ínfimos aspectos banais e cotidianos, derivados de seu uso comum, até aqueles que buscavam, em sua profundidade, a compreensão da Natureza, estava lá o livro – traduzindo, em imagens, a história natural da humanidade.

## O Ritualismo

Um aspecto destacado do período Zhou é a ênfase dada aos procedimentos rituais [que aparecem com cada vez mais intensidade em sua literatura]. É difícil saber até onde os costumes e práticas rituais 禮 [*Li*] eram realmente valorizadas ou, ao contrário, se todos os escritos produzidos sobre essa questão tinham em vista restaurá-los, numa época em que eles gradualmente eram esquecidos. Confúcio era um árduo defensor dos sacrifícios, das cerimônias e dos rituais, mas não apenas de modo superficial: ele acreditava realmente no poder simbólico que as práticas sagradas possuíam de educar os sentidos e a intimidade humana. O *Liji* 禮記, por conta disso, acabou se tornando o grande e valioso arcabouço

---

<sup>18</sup> In RIBEIRO, Cláudia e ZHANG, Zheng-chun. *O rosto do vento leste*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

sobre a cultura Zhou, mostrando-nos a estruturação de suas leis, hábitos, crenças e visões de mundo. As codificações nele presentes implicam desde a arte da política até os costumes vestuários e alimentares. Todas essas questões adquiriam um caráter sagrado, pois manifestavam a teoria de que era necessário manter um arranjo harmônico com Natureza, gerando o equilíbrio necessário para a preservação da vida. No *Liji*, cap.9, podemos ler uma definição de Confúcio sobre o tema:

Li é o princípio segundo o qual os antigos reis deram forma às leis do Céu e regularam as manifestações de natureza humana. Por isso, vive aquele que alcança Li e morre aquele que a perde. [...] Portanto Li baseia-se no Céu, padroniza-se na Terra, trata do culto aos espíritos e estende-se aos rituais e cerimônias fúnebres, sacrifícios em honra aos ancestrais, arco e flecha, condução de veículos, investidura, núpcias, e audiências na corte ou troca de visitas diplomáticas. Por isto, o Sábio apresenta ao povo o princípio de uma ordem social racionalizada e através dele todas as coisas vão bem no seio da família, na cidade e no mundo.<sup>19</sup>

O ritualismo sagrado mantém, no período Zhou, a concepção de que a ordem celeste e terrena só poderia ser conservada se o próprio Estado, na figura do soberano, interviesse na manutenção do ritmo cósmico,<sup>20</sup> que se manifestava por meio das leis e crenças humanas:

Li constitui, pois, para um soberano, a grande arma ou instrumento de poder, com que conjura os maus hábitos e os começos de desordem, realizar sacrifícios e oferendas aos espíritos, estabelecer os quadros da vida social, distinguir os procedimentos do amor e do dever. É o meio pelo qual um país se governa e se mantém firme a posição do governante. Pois se o governo não é direito, a posição do soberano está ameaçada; e quando a posição do soberano é ameaçada, seus oficiais de maior autoridade tornam-

---

<sup>19</sup> Extrato do *Liji*, cap. 9, disponível em <http://chines-classico.blogspot.com.br/2007/07/liji-extratos-do-livro-dos-rituais-01.html>

<sup>20</sup> Sobre o tema da relação entre Estado e Religião na China, ver o trabalho de YU, Anthony. *State and Religion in China*. Chicago: Open Court, 2005.



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

se arrogantes e os de menor autoridade começam a prevaricar. Vêm-se então criminosos punidos com severas penas, mas a moralidade do povo assim mesmo se corrompe e verifica-se uma ausência geral de bons princípios. Com a falta de princípios generalizada, subverte-se a ordem social; e com a subversão da ordem social os mais aptos não poderão exercer devidamente seus ofícios. E quando os criminosos são punidos com severas penas e a moralidade do povo se corrompe, então os cidadãos já não serão fiéis ao seu soberano, ou partirão para outros países. A isto se chama "um estado doente". [...] O culto ao Céu tem por fim reconhecer os supremos desígnios celestes. O culto ao deus terrestre tem por fim demonstrar a produtividade da terra. O culto no templo ancestral tem por fim patentear a linhagem do homem. O culto às montanhas e aos rios tem por fim atender aos diferentes espíritos. Os cinco sacrifícios têm por fim celebrar as atividades humanas. [...] Quando se observa Li no culto ao Céu, os vários deuses atendem às respectivas atribuições. Quando se observa Li no culto a Terra, os bens terrenos crescem e se multiplicam. Quando se observa Li no templo ancestral, a afeição e a piedade filiais prevalecem. Quando se observa Li nos cinco sacrifícios, as medidas padrões são estabelecidas. Portanto, o culto ao Céu, a Terra, aos antepassados, às montanhas e aos rios, e os cinco sacrifícios, visam preservar as condições da existência humana e constituem a configuração de Li.<sup>21</sup>

Junto com o *Yijing*, portanto, o aspecto ritualista do *Liji* contribuiu para fortalecer o caráter sagrado dos mais diversos aspectos da vida cotidiana, instituindo a ideia de que a Cultura seria, igualmente, um desdobramento das leis naturais. O período do século -6, porém, mostraria que mesmo esse papel religioso das práticas sociais não seria suficiente para que os líderes dos grandes estados chineses os abandonassem ou os ofendessem. De fato, a crise que se encetava na época implicava, muitas vezes, no desprezo e no abandono de muitas dessas práticas, razão fundamental da angústia de Confúcio.

## Conclusões

---

<sup>21</sup> Ibidem.



BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

O período Zhou manteve a importância do culto aos ancestrais, mas eles gradualmente se afastaram do cotidiano. Houve um distanciamento em relação ao mundo dos ‘mortos’, embora a crença não tenha se modificado substancialmente.<sup>22</sup> As modificações tornaram seus rituais mais formais e simbólicos, apesar de Confúcio defender sua ênfase inspiradora. O processo lógico do *Yijing* fez os outros oráculos diminuírem de importância, embora fossem ocasionalmente citados.

Ao que tudo indica, a partir do século -8, o recrudescimento da violência, das ingerências políticas, da corrupção e de uma perda generalizada dos valores levou a civilização chinesa dessa época a um momento de crise íntima significativa. Foi a constatação desses problemas que levou os chineses do século -6 a elaborarem uma grande revisão de sua própria cultura, em busca de soluções para o que parecia ser o fim de seu mundo.

Nesse momento que surgiram pensadores como Confúcio [-551 -479] e Laozi 老子 [séc.-6?], cuja contribuição filosófica acabou sendo reinterpretada por nós, ocidentais, como uma revisão religiosa da civilização chinesa. A escola chamada de Daoísmo 道教 [*Daojiao*] constituiria, de fato, um sistema que poderíamos chamar de ‘religião’; quanto aos confucionistas, no entanto, sua elaboração se tratava muito mais de uma doutrina intelectual e política do que propriamente religiosa, caracterizando um grande equívoco interpretativo dos sinólogos. De qualquer modo, essa busca ensejava um retorno às origens, uma retomada da ordem cosmológica que, na utopia desses pensadores, havia constituído um passado de paz e ordem para o mundo chinês.<sup>23</sup>

O significativo, porém, é que os chineses mantiveram os princípios fundamentais de suas crenças religiosas. Quando Budismo, Cristianismo e Islamismo chegaram à China século depois, encontraram um ambiente consolidado, com o qual tiveram que necessariamente dialogar e se adaptar, sob a pena de serem excluídos. A ideia de um

---

<sup>22</sup> KERN, Martin “Bronze inscriptions, the Shijing and the Shangshu: the evolution of the ancestral sacrifice during the Western Zhou” in LAGERWEY, John e KALINOWSKY, Marc. [org.] *Early Chinese religion*. Leiden: Brill, 2011. V.1.

<sup>23</sup> Para uma leitura mais ampla, ver o ensaio de CHAN, Wing-tsit. *História da filosofia Chinesa*, 2008. Disponível em: <http://chinaimperial.blogspot.com.br/2008/04/histria-da-filosofia-chinesa-01.html>





BUENO, André. A religião dos Espíritos na China Antiga. In **Experiências religiosas no mundo antigo** / organização de Carolina Kesser Barcellos Dias, Semíramis Corsi Silva, Carlos Eduardo da Costa Campos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2017. Vol. 1, p. 31-49.

intercâmbio com o mundo espiritual se manteria, pela crença inabalada de que seríamos espíritos encarnados, e não corpos com espírito. Ainda hoje, passados milênios, os chineses ainda praticam seus ritos funerários tradicionais, enterrando simulacros de objetos pessoais com os defuntos, de modo a propiciar-lhes uma boa vida 'material-espiritual'. Os desafios das Eras operaram mudanças morfológicas nas características gerais de deuses e ritos, mas a essencialidade da crença manteve-se inalterada: o mundo da mutação [o mundo material] é o espelho de uma realidade espiritual, e compreender isso é alcançar o cerne do pensamento religioso chinês.